



DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL¹ : UMA RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA

Profa. Esp. Latife Mátar Oinegue Fúlvaro*

Resumo: Presenciamos hoje as consequências do aquecimento global e do esfriamento das relações humanas. “O desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades”. Partindo de situações concretas de vida, vamos refletir sobre alguns valores e contra-valores contemporâneos, bem como sobre nosso papel como sementes de Fraternidade, base da Cultura de Vida para as próximas gerações.

Palavras-chave: desenvolvimento sustentável; valores; contra-valores; responsabilidade compartilhada; fraternidade.

Abstract: Today we testify the results of both, the global warming and the “cooling” of human relationships. “The sustainable development is the one which attends the needs of the present, without compromising the ability of future generations to attend their own needs.” Based on concrete situations of life, we shall consider carefully about some contemporary human values and counter-values, as well as our own role as seeds of Fraternity, basis of the Life Culture for the next generations.

Keywords: sustainable development; human values; human counter-values; shared responsibilities; fraternity.

Introdução

Enquanto externamente, vemos geleiras desaparecendo sob o efeito do Aquecimento Global, internamente vivenciamos uma Era do Gelo ‘glaciando’ corações:

¹ **“ORIGEM DO CONCEITO:** O conceito de desenvolvimento sustentável foi lançado em 1987 no relatório *Our common future* (Nosso Futuro Comum), conhecido como Relatório Brundtland, resultado da Assembleia Geral das Nações Unidas. O documento mostrava a preocupação dos países com o meio ambiente e definia novos paradigmas que norteiam as relações humanas a partir daquele marco. Os elementos básicos do DS foram indicados em 1986, durante a Conferência de Ottawa, a primeira internacional sobre promoção da saúde. A noção de desenvolvimento sustentável, no entanto, apareceu pela primeira vez no início da década de 1980, em documentos da União Internacional para Conservação da Natureza e Recursos Naturais (IUCN).”

Fonte: <http://www.unb.br/acs/especiais/extensao5-01.htm> . Disponível em 20/02/2006.

Que mundo deixaremos para as próximas gerações?

O conceito de Desenvolvimento Sustentável ideal, complexo e dinâmico, está apoiado num tripé, correspondendo ao entrelaçamento dos sistemas econômico, social e ambiental, embasados em valores éticos, capazes de dar suporte à Dignidade Humana e à valorização da Natureza como um todo integrado. O atual modelo de desenvolvimento fragmenta o todo significativo, levado por uma lógica pragmática, competitiva, mecanicista, reducionista descaracterizando a complexidade dinâmica que deveria estar enraizada nos valores éticos cooperativos, base para o processo desse desenvolvimento ideal:

Concebido unicamente de modo técnico-econômico, o desenvolvimento chega a um ponto insustentável, inclusive o chamado desenvolvimento sustentável. É necessária uma noção mais rica e complexa do desenvolvimento, que seja não somente material, mas também intelectual, afetiva, moral².

Panorama geral dos ‘pilares do desenvolvimento’

Para entendermos melhor o panorama geral dos ‘Pilares do Desenvolvimento’, vamos retroceder à época da Guerra Fria³, onde o mundo se viu diante de duas superpotências que se opunham quanto ao caminho ideal para a realização humana. Apresentava-se, de um lado, o bloco capitalista, capitaneado pelos Estados Unidos, organizado em torno da “Economia de Mercado” e do outro, o bloco socialista, reestruturado pela “Planificação Central da Economia”, conduzido pela URSS. A questão ambiental ainda não estava em pauta.

Opunham-se duas visões contraditórias de ‘*ser humano*’: Ser humano individualista, autorreferente, agindo em proveito próprio, de competição desumana, construindo diferenças injustas através de relações de dominação e exploração X Ser humano perdedor de sua singularidade frente ao coletivismo, colocado como referencial absoluto,

² MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO 2000 – págs. 69 a 70.

³ Não há consenso sobre o início e o final deste período. Vamos considerar, porém como início, a divisão da Alemanha em dois Estados: um oriental ligado à URSS e outro ocidental ligado ao bloco capitalista. Consideraremos como final a queda do Muro de Berlim em Novembro de 1989, símbolo da tensão existente entre os dois blocos e as relativas ‘visões de mundo’. Devemos levar em conta, porém, que não podemos ficar apenas num início e num fim ‘estáticos’, perdendo a visão de processo que levaram ao início e ao final do dito antagonismo. Nesse sentido, os marcos apresentados servem apenas como uma referência relativa.

levado ao anonimato, massificação, dominação coercitiva e burocratização centralizada, com ausência de qualquer atitude de consciência cooperativa⁴.

Com a dissolução da URSS, o capitalismo, já atrelado à lógica do “Livre Mercado”, espalhou-se pelo mundo, escoltado por um progresso, econômico e financeiro, dito ilimitado, ancorado no desenvolvimento acelerado da Ciência e da Tecnologia. Em sua trajetória pragmática imediatista, incrementou a competição exacerbada e a intolerância em todos os níveis, foi ceifando vidas humanas, promovendo exclusão, devorando os recursos naturais, destruindo a História, incrementando violência generalizada, criando uma escala de valores calcada no individualismo, consumismo e hedonismo, transformando diálogo em monólogo egocentrado.

Ninguém, hoje em dia, pode contestar a existência de mudança climática global provocada, segundo o grupo de cientistas do IPCC⁵, pelas atividades humanas, ligadas ao progresso ilimitado, que devastaram recursos naturais, aumentando o efeito estufa, induzindo ao aquecimento global. O que vemos acontecer? Extremos climáticos, fome, refugiados ambientais, entre outras consequências, aumentando o sofrimento daqueles e daquelas que já vinham sendo excluídos do rol dos ‘humanos’ em meio a uma natureza violentada que perde seu equilíbrio, pedindo socorro... A questão ambiental marca forte presença, colocando-se como pilar importante para a continuidade de vida em nosso planeta.

O recente escândalo no mercado financeiro americano criou uma crise mundial na Economia, que, segundo dizem, advém de uma ‘crise de confiança’, na ‘ética natural’ do livre mercado financeiro. Hoje já se fala em ‘regulamentar o mercado financeiro’, colocando limites à sua

⁴ Síntese a partir de colocações feitas por Pedrinho A. Guareschi no artigo: “*A Educação como fator principal da realização da pessoa humana*” – Fonte: <http://cursos.ead.pucrs.br/psicologiacom/2004/professores/pedrinho.htm> Disponível em 18/10/2008.

⁵ IPCC= Painel Inter Governamental de Mudanças Climáticas. *Consciente da urgência, o secretário-geral da ONU, Ban Ki Moon, organizou pela primeira vez em setembro (2007) em Nova York uma cúpula sobre o clima com a participação de mais de 70 chefes de Estado e lançou uma advertência: “O tempo das dúvidas já passou. O IPCC afirmou, sem equívocos, que nosso sistema climático esquenta e que isto ocorre devido às atividades humanas: a resposta que dermos definirá nossa época e determinará a herança que deixaremos para as futuras gerações”.* Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1652746-5602,00-IPCC+OS+ESPECIALISTAS+QUE+ALERTARAM+O+MUNDO+PARA+AS+MUDANCAS+CLIMATICAS.html> 12/10/2007 - Disponível em 04/02/2008

'liberdade', atitude impensável há pouco tempo. Até o momento, os analistas econômicos não têm certeza sobre os rumos que a economia real do mundo vai tomar daqui para frente. Essa questão atual recheia nossos noticiários no dia-a-dia, com uma série de entrevistas que não conseguiram, até agora, romper a incerteza quanto ao futuro.

No momento, a recessão bate à porta de alguns países do chamado '*mundo desenvolvido*', fazendo com que convoquem os chamados '*emergentes*' e os países em desenvolvimento para ajudarem a encontrar uma saída para a crise, *apelando à cooperação*.

A famosa '*mão invisível*' voltou-se contra seus criadores, tornando visível seu poder de destruição. Perdeu credibilidade e as críticas à validade de sua '*ideologia*' já ecoam na União Européia:

O presidente francês, Nicolas Sarkozy, afirmou nesta quinta-feira (23/10/2008) que "a ideologia da ditadura dos mercados e do Estado impotente morreram com a crise financeira"⁶.

Assim como ruiu a proposta de "Economia Planificada", no final da Guerra Fria, estaria desabando agora o "Livre Mercado"? Será que uma nova Ordem Mundial⁷ estaria em curso? O que podemos aprender a partir destas duas propostas de caminho?

⁶ Citação extraída do artigo de Daniela Fernandes : "*Crise acabou com 'ditadura dos mercados', diz Sarkozy*" - De Paris para a BBC Brasil - 23 de outubro de 2008 - Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081023_crisesarkozydf.shtml Disponível em 23/10/2008.

⁷ Barack Hussein Obama 2º, democrata, de 47 anos, filho de um imigrante negro queniano com uma branca americana, foi confirmado como o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos. Foi capaz de mobilizar milhares de jovens voluntários, até então apáticos e descrentes da vida política, especialmente graças ao desastre do governo Bush. Obama despertou no mundo toda uma esperança de transformação. Não podemos, entretanto fazer de Obama um '*novo messias*', mas podemos sim ver em sua figura alguém que foi capaz de transcender a discriminação racial, que sempre dominou os EUA, concretizando o sonho de Martin Luther King , pastor negro pacifista, assassinado na década de 60.

- Apesar das comemorações, Obama citou as dificuldades que vai encontrar em seu governo depois de tomar posse, no próximo dia 20 de janeiro: " [...] *Nós sabemos que os desafios que o amanhã vai nos trazer são enormes: duas guerras, um planeta em perigo, a pior crise econômica em quase um século. O caminho vai ser longo e não atingiremos nossos objetivos em um ano, nem mesmo em um mandato. Mas eu nunca estive mais esperançoso do que estou esta noite. Eu prometo a vocês: nós, como povo, chegaremos lá [...]*".

Fonte:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/11/081105_eua_fechamento_tp.shtml

Disponível em 5/11/2008

É um momento de reflexão, de revisão de valores e contra-valores, de redefinição de trajetórias, enfim, uma oportunidade ímpar de crítica e autocrítica construtiva, transcendendo qualquer movimento voltado apenas à ‘caça às bruxas’, buscando ‘bodes expiatórios’, como se fôssemos juízes implacáveis, donos da verdade absoluta, atitude que reforça, ainda mais, a onda de intolerância mundial.

Este momento é um convite à releitura da história, especialmente a partir da Guerra Fria, buscando integrar todos os sinais indicativos da situação-limite que estamos vivendo agora, revendo a maneira como temos participado em todo este contexto de crise atual.

Insegurança ambiental, insegurança econômica, ‘esgarçamento’ das relações humanas, violência generalizada em praticamente todas as áreas do mundo são alguns sintomas da situação de crise vivenciada por este mundo interligado, neste início do século XXI.

[...] O principal desafio humano do século XXI é construir uma civilização baseada na solidariedade entre os povos, em que a responsabilidade pela construção do bem-estar comum seja compartilhada por todos. A Assembleia Geral de 2005 reafirmou os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, declarando que não pode haver – e não há – segurança ou liberdade num mundo onde há miséria, discriminação ou destruição de recursos naturais⁸.

Estamos vivendo uma crise mundial, complexa, multifacetada, multidimensional, reflexo da escala dos valores individualistas que permeiam a sociedade atual, da qual todos nós fazemos parte. É indicativa da necessidade de um novo rumo, partindo da mudança de percepção da realidade interna e externa, como um todo integrado e uma chamada à participação de cada um de nós. A crise traz um apelo voltado não só à urgência de profundas mudanças estruturais, como a necessidade de transformações pessoais, para maior participação cooperativa, necessidade esta evidenciada no cotidiano, conforme veremos mais adiante.

Não haveria, porém, na releitura desta crise, as sementes de um mundo mais humanizado? Se, por um lado, ela apresenta a derrocada de caminhos extremados, oscilando entre um individualismo exacerbado e

⁸ - **Estado do Mundo 2005** - Metas do Milênio (trechos extraídos da Apresentação à publicação de “Estado do Mundo 2005” feita por Carlos Lopes - Coordenador Residente do Sistema ONU no Brasil)

Fonte: <http://www.wwiua.org.br/edm2005.htm> Disponível em 22/10/2006

um coletivismo coercitivo, por outro ela aponta para um futuro imprevisível, porém aberto à Esperança de uma nova trajetória.

Se por um lado, a sofreguidão do dito *'Progresso Ilimitado'* provocou toda esta hecatombe ambiental, por outro, não seria o caso - frente à crise econômica atual - de se repensar uma nova proposta para o campo produtivo, aliada a um novo estilo de *'vida sustentável'*, integrada à verdadeira *responsabilidade social e ambiental*?

Se, por um lado, presenciamos todos os estragos que esta cultura competitiva vem causando às relações humanas e à vida como um todo, por outro, não seria esta crise um apelo à necessidade de nossa transformação em sementes de *'vida sustentável'* para as próximas gerações? Não seria a cooperação participativa, solidária, livre e fraterna, sinal claro de nossa verdadeira *responsabilidade social e ambiental*?

Mudança de percepção: fragmentação x integração

O desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia descortinou um campo muito maior de conhecimento, gerando a necessidade de especialistas que mergulhassem *de cabeça* em áreas previamente definidas, perdendo, muitas vezes a noção da complementaridade, da imbricação entre as diferentes partes dentro da realidade dinâmica e imprevisível que é o todo significativo.

Se, por um lado, é importante o conhecimento mais aprofundado de uma parte dessa realidade, cada dia mais complexa e diversificada, por outro, fechada sobre si mesma, pode representar a perda da percepção mais integrada e dinâmica deste todo. Lembro-me que era comum, na universidade, ouvirmos os colegas médicos afirmarem que *'o especialista do dedão do pé esquerdo nada sabe sobre o dedão do pé direito e muito menos ainda sobre a pessoa a quem este pé se refere...'* Assim é que:

Efetuaram-se progressos gigantescos nos conhecimentos no âmbito das especializações disciplinares, durante o século XX. Porém, esses progressos estão dispersos, desunidos, devido justamente à especialização que muitas vezes fragmenta os contextos, as globalidades e as complexidades⁹.

A parcialidade e reducionismo de um especialista focado apenas numa percepção fragmentada e, portanto relativa, é inconclusiva, pois não pode apreender o significado dinâmico de um todo complexo.

⁹ MORIN, Edgar. Op. Cit. p. 40.

Um exemplo concreto de um prognóstico *'conclusivo'* a partir da percepção fragmentada de um *'especialista'* aconteceu em minha família.

Meu quarto filho, ainda bebê, evidenciou problemas de desenvolvimento, fazendo com que meu marido e eu procurássemos o melhor neuropediatra de São Paulo. O famoso especialista prognosticou, com toda a ênfase adquirida de sua Certeza Científica Mecanicista, que nosso filho teria um grande retardo, com desenvolvimento semelhante ao de um vegetal, devido a uma lesão cerebral localizada. O futuro de nosso filho, segundo tal prognóstico categórico, já estava determinado.

O choque inicial foi tremendo, mas algo, lá no fundo, nos dava forças para reagir. A fé e a esperança de encontrarmos um caminho para ajudar nosso filho, aliadas ao imenso amor por ele, foram molas impulsoras para enfrentarmos juntos todos os desafios dessa nova trajetória de vida.

Pouco tempo depois, prestei vestibular para o curso de Fonoaudiologia na Escola Paulista de Medicina, atual Universidade Federal de São Paulo. Não existia ainda no Brasil o Curso de Psicopedagogia, mas a ampla formação dada pela Escola Paulista permitiria uma atuação de qualidade na área voltada para Distúrbios de Aprendizagem, favorecendo uma ajuda concreta a meu filho.

Como monitora de Neuroanatomia, comecei a participar de grupos de estudos interdisciplinares, voltados para a compreensão do funcionamento cerebral, seguindo uma linha integradora, *'não – localizacionista'*. Foi quando descobri que o tipo de lesão que meu filho apresentava não impediria seu desenvolvimento, pois outras áreas, normalmente não atuantes, passariam a cumprir a função da área danificada. Embora o processo de recuperação demandasse intenso trabalho específico, um novo caminho alternativo surgiu a nossa frente.

Como um todo integrado, o cérebro revelava incrível plasticidade, principalmente entre os seres mais jovens. Era surpreendente perceber sua capacidade adaptativa, auto-organizadora e criativa, na descoberta de caminhos alternativos, quando a via principal estava bloqueada por alguma lesão. Os dois hemisférios, esquerdo e direito, interligavam, de maneira complementar, suas especialidades. Era um verdadeiro *'diálogo inter-hemisférico'*, metaforicamente um exemplo claro de cooperação.

A maneira de eu perceber a realidade mudou radicalmente.

Parecia-me difícil ter a pretensão de compreender profundamente toda esta complexidade dinâmica, que é o ser humano, de maneira reducionista, fixada apenas numa parte, sem estar voltada, simultaneamente, para o todo significativo - incluindo aí a diversidade das condições do ambiente externo de cada um, além das demais condições de seu mundo interno -, delineado pelo horizonte absoluto da Realidade suprema.

O prognóstico categórico, mecanicista e reducionista, feito pelo '*papa da neuropediatria*' sobre o futuro¹⁰ que meu filho teria - dada a lesão cerebral revelada - acabou ruindo, frente à descoberta da plasticidade do cérebro e o encontro de um caminho alternativo capaz de estabelecer uma nova trajetória de desenvolvimento. Isto só fora possível, dada a nova percepção da realidade como algo orgânico, relacional, interligado e imprevisível, tendendo a um equilíbrio dinâmico.

Não se trata de negar a importância que o progresso da Ciência e da Tecnologia traz para melhorar a qualidade da vida humana, mas de questionar sua pseudo-identidade divina, sua pretensão de verdade absoluta e universal. O homem, '*transformado-num-deus-todo-poderoso*', não se percebe limitado pela imprevisibilidade absoluta de controle do futuro, que é uma realidade a ser construída, não podendo, portanto, ser pré-determinado.

O reconhecimento da limitação da previsibilidade ligada às verdades humanas é fundamental para que não sejamos contaminados pelo vírus da onipotência, que infelizmente se alastra em todos os meios. Esta nova percepção de realidade não permite '*rótulos*', característica de uma percepção fragmentada, estática, dita '*previsível*'. Ela nos fala de esperança ligada à transformação nos arranca da indiferença e da omissão, e nos convida à participação cooperativa.

Vamos trazer de volta a questão levantada sobre as duas visões contraditórias de '*ser humano*', evidenciadas durante o período da Guerra Fria. Por um lado, o aspecto individual passou a ser mais importante que o social, e por outro lado, o aspecto social se impôs, anulando a singularidade das pessoas e sua ação como sujeitos.

Nem a '*liberdade*' preconizada pelo individualismo, nem a anulação da singularidade frente ao coletivismo respondem à necessidade de

¹⁰ Meu filho superou os desafios, tem diploma universitário, é casado, tem dois filhos, trabalha e é muito feliz. As dificuldades enfrentadas por ele serviram para torná-lo mais persistente, compreensivo e, sobretudo, solidário.

realização humana. Ambas se revelaram reducionistas, fragmentando e mutilando o conceito de pessoa humana.

Por natureza, a pessoa humana é um ser de relação, de *'inter-doação'*, isto é, um ser que vai se transformando, se integrando, se reconhecendo como um ser singular e, portanto, se dignificando na caminhada do vir-a-ser, a partir do encontro com o outro e o Totalmente Outro. Este encontro traz de volta a dimensão do sagrado, no reconhecimento mútuo da presença de Deus/Amor /Boa Nova capaz de criar unidade, preservando a diversidade.

Este encontro poderia ser comparado a uma sinfonia harmoniosa em torno da Cultura de Vida, interpretada pelos mais diversos instrumentos musicais, regida pelo Amor maior. A melodia está entranhada em cada um dos diferentes músicos desta orquestra e a harmonia vai se fazendo presente a partir da diversidade dos sons instrumentais voltados, porém, para a unidade sinfônica como um todo integrado.

O amor está entranhado na personalidade humana inteira. Precisamente aqui qualquer tipo de reducionismo é desastroso: só quando se vê a pessoa humana em sua integralidade é que se pode também captar corretamente o sentido do amor em sua existência. Então, temos condição de compreender a possibilidade e a necessidade profunda que o ser humano tem de se doar, de se relacionar com os outros no reconhecimento da dignidade comum. Só a partir daqui se pode compreender a força imensa desta energia na direção do outro que é capacidade de amar, de ser obstinado no esforço infatigável de encontrar o outro numa busca que nunca encontra satisfação plena. O amor apaixona e liberta e por isto de si mesmo repele todo tipo de escravidão, de instrumentalização, de negação como algo inadmissível¹¹.

Situação-limite: urbanização crescente x humanização decrescente

A humanidade está se tornando cada dia mais urbana¹² e simultaneamente mais desumanizada e *'desnaturalizada'*,¹³ tendo que enfrentar novos desafios que surgem diariamente. A rápida urbanização

¹¹ OLIVEIRA, M. A. de –“ *O Ser Humano em questão*”- Disponível em 19/09/2008. Fonte: <http://www.arquidiocesedefortalezarmi.com.br/artigos/detalhes1.asp?id=117>.

¹² Para maiores detalhes, consultar artigo sobre “Estado do Mundo 2007 - Nosso Futuro Urbano” – publicação da WWI Worldwatch Institute
Fonte: http://www.rbma.org.br/mercadomataatlantica/noticia_2007_01_02.asp.
Disponível em 23/03/2007

¹³ Utilizamos o termo *'desnaturalizada'* para frisar a perda da relação *'pessoa humana e natureza'*.

do mundo trouxe prejuízo incalculável para a Natureza como um todo, com profundos reflexos na qualidade de vida, incluindo aí, as relações humanas.

O ambiente urbano difere drasticamente do ambiente rural. As cidades são o local onde a nossa espécie impõe o seu maior impacto sobre a natureza, alterando-a drasticamente, criando um novo ambiente com demandas únicas¹⁴.

Muitas cidades brasileiras, por exemplo, estão se tornando insustentáveis, ambientalmente e socialmente. O asfalto desordenado devora praças, derrubando as árvores que encontra pelo caminho, sufocando os mangues, esgotando o lençol freático, aprisionando e poluindo rios, lagoas, preparando o terreno para semear prédios, supermercados e '*shoppings*', criando um desequilíbrio sócio-ambiental, escudado pela impunidade que favorece transgressões, corrupção, ridicularizando qualquer código de leis municipais.

As festas e brincadeiras ao '*ar livre*' sentem-se ameaçadas pelas '*balas perdidas*' e carros desgovernados pelo excesso de álcool no tanque corporal dos motoristas... O lixo enfeita ruas, rodeia o mato, passeia livre pela cidade, impulsionado pelo vento, alimentando insetos e roedores, entupindo bueiros e canais, provocando enchentes e doenças, dividindo espaço nas calçadas estreitas com os pés apressados de milhares de autômatos que vão e que vêm.

Por outro lado, multiplicam-se os chamados *ambulantes* que, entre outras atividades, adensam o comércio de *produtos piratas* e contrabandeados, ou a revenda de produtos roubados, fortalecendo uma rede crescente de contrabandistas ou incrementando o setor de assaltos a cargas e depósitos, pagando '*propinas*' a fiscais que *fazem vista grossa*'...

Nas esquinas, crianças e jovens vendem balas, objetos artesanais e o próprio corpo... Fazem malabarismos, limpam os pára - brisas de carros, muitos dos quais maquiados com o chamado '*insulfilm*', barreira à *visibilidade* dos ocupantes do veículo, amostra clara do muro da desigualdade e da insegurança existentes nas grandes cidades...

¹⁴ DIAS, Genebaldo Freire: *Elementos de ecologia urbana e sua estrutura ecossistêmica* - Brasília : IBAMA, 1997. 48p. (Série Meio Ambiente em Debate, 18).

Fonte: <http://ibama2.ibama.gov.br/cnia2/download/publicacoes/t0119.pdf>.

Disponível em 18/10/2008

Grande faixa da população vive à margem da moradia digna, de boas escolas e serviços médicos de qualidade. É, entretanto, extremamente útil, como massa de manobra por *políticos demagogos* dos mais variados partidos, servindo de palanque para a conquista de um projeto de poder, prestígio e enriquecimento pessoal ou partidário...

Em meio à correria frenética do cotidiano das pessoas, a reflexão é sufocada por ações impulsivas e reativas...

A velocidade de processamento dos computadores insinua o novo ritmo de velocidade da vida. A rede de comunicações, facilitada pela tecnologia, revela, ao mesmo tempo, as proximidades e as distâncias, as semelhanças e as diferenças, põe a descoberto os paradoxos dos relacionamentos, como jogo de poder¹⁵.

Progresso ilimitado, realização humana fundamentada na competição pelo dinheiro, prestígio, poder... incremento do individualismo, hedonismo, consumismo... busca pela gratificação imediata em meio a um ativismo impulsivo, desenfreado e inconsequente... Aumento da poluição ambiental urbana, devastação da natureza, contribuição ao aquecimento global, mudanças climáticas... '*desnaturalização*'. '*Favelização*' crescente... dignidade humana colocada em risco... desumanização... desesperança... solidão e abandono, aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas, nos becos e condomínios de luxo, violência generalizada... crianças e jovens matando e morrendo nas grandes cidades... crianças-soldado ¹⁶ a serviço do tráfico nas favelas das megalópoles do século XXI, cujo esgoto corre a céu aberto.

A grande cidade reflete toda a situação de crise do mundo atual. É ela que consome a madeira extraída das florestas, que demanda as drogas e as armas que atravessam as inúmeras fronteiras permeáveis de nosso Brasil. A cidade é o palco onde desfila a desigualdade; a insegurança cria muros, a violência cresce ao lado da impunidade, os guetos se multiplicam e a desconfiança generalizada vai ganhando um espaço cada vez maior, estimulada pelo individualismo pragmático e competitivo.

¹⁵ FABRI DOS ANJOS, Márcio (org.), *Teologia e Novos Paradigmas*, Loyola, São Paulo, 1996, p. 9.

¹⁶ "*O drama dos meninos soldados*" - Jornal do Brasil - 16/02/2008 - Fonte: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2008/2/16/noticia.412057/> Disponível em 10/10/2008.

Aumenta o afastamento entre *'uns e outros'*, dificultando os verdadeiros encontros.

Por outro lado, a cidade é o *chão da vida, que somos chamados a trilhar...* É dela que nos vem o apelo à conversão e à construção de um novo caminho enraizado na *'inter - doação'*, na cooperação solidária fraterna, onde dignidade humana e valorização da Natureza se encontram. A crise é mundial e nos impele a uma ação a partir do local onde nos encontramos.

Como primeiro passo, vamos destacar alguns desafios concretos pertinentes às grandes cidades - presentes em nosso cotidiano - e refletirmos sobre a responsabilidade que temos, frente às consequências de nossas ações.

As cidades do porte de Fortaleza e outras grandes cidades produzem um enorme impacto na natureza, em todos os sentidos. Olhando mais atentamente ao redor:

Vamos pensar na quantidade de água e de energia necessárias para suprir a demanda de uma cidade do porte de Fortaleza, por exemplo. Sabemos que diariamente são desperdiçados milhões de litros de água e uma quantidade imensa de energia.

Sabemos que muitos destes problemas são devidos à má gestão de nossos governantes.

Mas, e nós, o que temos feito para evitar tal desperdício?

Controlamos o tempo em que deixamos aberta a torneira, sem necessidade, ao escovarmos os dentes, tomarmos nosso banho, lavarmos as mãos, a louça, as roupas, ao fazer a comida e demais atividades diárias? Reaproveitamos a água utilizada na lavagem de roupa, por exemplo, para lavarmos os pisos, quintais, etc.? Será que percebemos que o mau uso que fazemos da água poderá representar um desafio maior ainda para o abastecimento da população em geral?

No nosso dia-a-dia, usamos lâmpadas, ventiladores, ar condicionado, computadores, TV, liquidificadores, ferro de engomar... mais que o absolutamente necessário? Lembramos de apagar as luzes, desligar ventiladores? Vale a pena ponderar que mais consumo requer mais produção de energia... mais hidroelétricas... mais represamento de rios... mais impactos ambientais e por aí vai.

Um dos maiores problemas de uma cidade são os locais onde são despejadas as toneladas de lixo que produzimos diariamente. Em média,

um quilo por pessoa. Os aterros estão superlotados. Qual é o destino que damos a nosso lixo? Separamos o material descartado? Reaproveitamos papel e outros materiais? Jogamos embalagens de biscoitos, bombons, latinhas, copinhos e outros objetos similares pelo chão, pátios, ruas?

O que representa o espaço público urbano para cada um de nós? É parte de nossa casa comum ou uma enorme lata de lixo?

Poderíamos estender nossa reflexão para as áreas verdes, lagoas, praias, entre outras.

O tema '*meio ambiente urbano*' é muito extenso e complexo e não se restringe apenas ao uso de recursos naturais. Seria interessante que procurássemos conhecer melhor o assunto através de pesquisas, contato com pessoas ligadas à área, ampliando nossa percepção e reformulando a maneira como encaramos e agimos, na medida em que cada um de nós, ao interagir com esta casa comum, chamada *cidade*, torna-se também responsável, cooperando para a melhoria das condições de vida de todos.

Há inúmeras experiências bem sucedidas voltadas para a melhoria do '*meio ambiente urbano*', que abrem todo um novo caminho de esperança à nossa frente. Vale a pena pesquisarmos este assunto. Mais preparados, poderíamos ser agentes multiplicadores de um novo olhar, sentir e agir em meio às nossas comunidades e áreas de convívio, abrindo espaço para que a cidade cause o menor impacto possível à natureza, tornando-se mais humanizada, sustentável e, portanto, no nosso caso, uma Fortaleza realmente '*Bela*'.

Como vimos, as grandes cidades refletem, mais claramente, a situação de crise mundial e nos levam a alguns questionamentos:

Até que ponto a corrida desenfreada pelo acúmulo de dinheiro, prestígio e poder, focada na pseudofelicidade individual, não tem distanciado as pessoas da raiz de sua humanidade, desintegrando-as para transformá-las em meros robôs? Em meio a um ambiente competitivo, o '*fazer*', desvinculado de uma base ética, estreitou vínculos com o '*imediatismo pragmático individualista*', adotando o lema: '*Vale Tudo*', tornando-se cada vez mais automatizado e inconsequente. Até que ponto essa maratona insana, não se tornou um padrão de conduta globalizado, atingindo em cheio a '*biodiversidade como um todo, incluindo a diversidade humana*', ferindo de morte a Natureza e a Dignidade do ser humano? Diante de nossos olhos desfila uma multidão uniforme de indivíduos solitários, cada vez mais distantes de sua identidade original... Até que

ponto este processo fragmentador, que perpassa nossa sociedade atual ,não vem gerando uma **cultura de morte** travestida de **cultura de vida**?

Será que neste contexto, poderemos falar em Desenvolvimento Sustentável?

A definição de Desenvolvimento Sustentável implica no “atendimento das necessidades do presente, sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades”.

Será que estamos atendendo as necessidades do presente? Será que adianta falarmos de Desenvolvimento Sustentável se não fizermos uma reflexão profunda sobre a responsabilidade que cada um de nós tem dentro de todo este cenário? Qual é, em linhas gerais, o ambiente cultural que cerca as gerações do presente?

Em nome de uma pretensa '*liberdade*', sinônimo de felicidade, construiu-se um verdadeiro sistema de '*escravidão global*', porém, bastante camuflado, favorecendo uma cultura de gratificação imediata que intensifica o individualismo, o consumismo e o hedonismo. O lema *satisfação garantida ou seu dinheiro de volta* foi estendido para as relações entre as pessoas que passam a exigir *gratificação imediata* a partir do outro. Amor banalizado... Tudo é muito pontual, provisório, descartável, nascendo e morrendo numa fração de segundos, seguindo a lógica do Mercado Consumidor. As relações oscilam mais do que a bolsa de valores dos últimos dias.

Corruptores e corrompidos invadem nossa sociedade em todos os níveis de atuação... "*O importante é levar vantagem em tudo*" é uma das leis '*tradicionais*' mais respeitadas em nossa cultura e esse '*respeito*' aumentou muito na atualidade, dada a competição crescente... Aquele que '*passa os outros para trás*' é tido como herói, modelo a ser seguido pela '*esperteza*' que revela, para '*se dar bem na vida*', enquanto os '*honestos*' são vistos como ultrapassados, '*caretas*', '*otários*', verdadeiros '*desmancha-prazeres*', sendo muitas vezes hostilizados, ou objetos de deboche, prova de uma total inversão de valores, porém nem sempre percebida como tal... Quantos '*fichas sujas*' foram eleitos no último pleito municipal? Quantas '*alianças*' foram seladas em troca de cargos pessoais ou corporativos? O bem comum parece cada vez mais distante, relegado ao esquecimento ou falsamente representado pelo corporativismo.

Interessante notar que o famoso '*jeitinho brasileiro*' - irmão da '*lei da vantagem*'- tem verso e reverso. Revela, por um lado o potencial

construtivo de nossa criatividade, mas também pode se tornar uma verdadeira ante-sala da corrupção e nem sempre nos damos conta disso...

Embora os índices de corrupção sejam relativamente altos, é nos pequenos atos do dia-a-dia que a sensação de corrupção cresce¹⁷.

Pude verificar, durante vários anos de trabalho com jovens, tanto em São Paulo, quanto aqui em Fortaleza, que nem sempre eles percebem a existência do '*vírus da corrupção*' em pequenos atos do cotidiano: '*Colar*' numa prova; não participar de trabalhos em grupo, mas garantir que seu nome apareça como autor... Estas e outras ações do gênero, não seriam exemplos de vulnerabilidade ao '*vírus da corrupção*'?

O imediatismo, envolto em muita publicidade, reforça o viver no "aqui e agora", *aproveitando o momento, antes que ele vá embora*. Oferecendo-se como o único sentido de vida feliz possível, apresenta-se como uma '*festa imperdível*', tentando atrair um número cada vez maior de participantes de todas as faixas etárias, apoiado pelo mito da '*eterna juventude*' que encurtou a infância e anulou a velhice... Desconectado de um passado e de um futuro, o viver perdeu a memória ao destruir a própria história.

Esta nova geração, sem passado e sem futuro vem perdendo sua identidade, tentando camuflar uma solidão profunda, rodeada de muita gente, mergulhada em um ambiente de ruído ensurdecador e extrema confusão, buscando escapar do silêncio que convida à reflexão. Quer fugir, a qualquer custo, do risco de exclusão, pois tem medo de ser lançada no mundo da indiferença, de ver seu nome apagado de uma lista de presença... Muitos entram no mundo da droga, do crime e da prostituição, envolvidos, sem perceber, no véu da alienação.

Crianças e jovens são as maiores vítimas deste mundo, altamente competitivo, que perdeu seu eixo, promovendo desigualdade em todos os níveis e não apenas no econômico.

A realização individualista implica em ganhar a qualquer custo o poder, prestígio, sucesso e notoriedade, e a competição - levada às últimas conseqüências - é o meio para se chegar lá. Compete-se pela quantidade de dinheiro, condecorações, títulos acadêmicos, cargos públicos e privados, entre outros, atingindo, inclusive, o mundo de

¹⁷ - "*A corrupção nossa de cada dia*" - artigo de Renato Marques - publicado em 10/06/2005 - Fonte: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=7372> Disponível em 21/02/2006

crianças e jovens de todas as classes sociais... É só observarmos o aumento de violência, física ou verbal, que ocorre dentro das escolas, levada pelo espírito de disputa acirrada, onde tudo passa a ser motivo de competição, havendo, em muitos casos, o simples prazer de destruir o outro... É como se prestígio, sucesso e notoriedade trouxessem consigo o reconhecimento da dignidade humana como um todo. *Na medida que eu tenho, ou que eu aparento ter... eu sou.*

Interessante notar como isto ocorre, muitas vezes, no campo do saber. O saber acadêmico tornou-se um valioso instrumento de '*poder pessoal*', o mesmo não ocorrendo com o saber popular, havendo pouco espaço de diálogo entre os dois.

Quanto são os '*doutores*' que trabalham na cozinha, por exemplo, e que comprovam incrível sabedoria ao reaproveitar e reciclar alimentos, evitando desperdícios, criando pratos inovadores e de alto valor nutritivo, com poucos recursos disponíveis... Seu saber resolveria muitos desafios, trazidos pela insegurança alimentar¹⁸ que ainda é grande em nosso país. No campo da reciclagem, quantas idéias originais são apresentadas, no sentido de minimizar as consequências do aquecimento global... Mas, infelizmente, há uma multiplicidade de '*doutores*' anônimos que ainda não encontram em nosso meio, a valorização equivalente à dos '*doutores*' da academia.

Será que o saber acadêmico e o popular não seriam complementares, podendo apresentar caminhos para a solução de alguns desafios que enfrentamos atualmente?

Há toda uma fragmentação de '*saberes*' e toda uma fragmentação de propostas aos inúmeros desafios apresentados em nossa sociedade atual.

Muitos projetos, voltados para as crianças e jovens '*em situação de risco*', estão calcados em propostas fragmentadas, meramente

¹⁸ Segurança alimentar e Nutricional é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis. (Projeto de Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional – PL 6047/2005 – em tramitação no Congresso Nacional).

In "*IBGE traça perfil inédito sobre Segurança Alimentar no Brasil*" - 19/05/2006 – Fonte:

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=600
Disponível em 23/02/2007

assistencialistas, focadas apenas no aspecto econômico, não contribuindo para o resgate da dignidade humana.

O assistencialismo, como fim em si mesmo, gera dependência, acomoda, aprisiona, rotulando o outro como incapaz, um *'coitado'*, tornando-o um *'ninguém'*, anulando sua identidade, sua possibilidade de ação consciente como sujeito da história... Não é isso que acontece com governos *'populistas de cunho paternalista'*?

A longa experiência de trabalho com jovens confirmou tal constatação. Tal qual a rejeição e a indiferença, a superproteção fere de morte a dignidade humana, enquanto que, por outro lado, o verdadeiro amor liberta, quebra *'rótulos'* e dignifica o outro, apontando para a cooperação como uma nova alternativa tanto ao modelo individualista competitivo, quanto ao modelo coletivista coercitivo.

Descobri que só podemos falar em dignidade humana plena, quando cada um for capaz de se perceber um *'ser de doação'*, isto é, um ser cooperativo, um ser de amor que só se plenifica na doação deste amor ao outro. A força que advém desta relação é mola impulsora para uma maior interiorização, reconhecimento da própria singularidade, contradição e vulnerabilidade e a superação dos inúmeros desafios próprios da caminhada humana deste nosso constante vir-a-ser.

A partir daí, surgem projetos cooperativos voltados para a geração de renda, de superação de dificuldades acadêmicas e de criação artística, entre outros. Só que este é um processo que requer tempo, persistência, determinação e, principalmente, interiorização, abertura permanente à fonte inesgotável do amor original o que, numa cultura pragmática e imediatista, apoiada pela poderosa máquina publicitária, representa um desafio maior ainda, especialmente nas grandes cidades... Uma cultura de forte *'apelo externo robotizador'*, pode até permitir alguns breves momentos de *intimismo*, mas não aceita a *interiorização* que faz brotar a singularidade e o espírito de cooperação, fruto do verdadeiro amor.

Um dos grandes desafios, em nossa cultura atual, é resgatar o sentido deste *'verdadeiro amor'*. O Amor/Boa Nova foi desvirtuado, banalizado, fragmentado, falsificado e, ao ser transformado em mero produto de mercado voltado à satisfação imediata, perdeu gratuidade e gerou intolerância, tornando-se um simulacro globalizado de amor ego-centrado.

O verdadeiro amor, porém, entranhado em nosso ser, vem de Deus, fonte de vida, que nos amou primeiro. O mandamento de amor

gratuito, proclamado e vivido por Jesus, é um mandamento totalmente novo e diferente, opondo-se radicalmente à dita '*cultura individualista*' ora dominante, bem como à '*cultura coletivista*'. É um convite claro à participação complementar entre '*singularidades biodiversas*' visando à unidade em torno de uma causa voltada para o bem comum, longe de qualquer corporativismo. Propõe diálogo, nos mais variados níveis, implicando no discernimento do que seja o '*verdadeiro amor*' aliado à '*verdadeira liberdade*'.

Esse mandamento não é uma exigência em relação a essa ou aquela tarefa, é uma palavra de vida, uma palavra criadora, é a transformação do homem num ser novo, e transformação também da sociedade em que ele vive numa nova criação. [...] O amor é a chave que nos faz penetrar no sentido da vida ¹⁹.

Os noticiários do dia-a-dia comprovam a existência de toda uma geração carente de modelos de verdadeiro amor e liberdade, – especialmente a mais nova - que pede socorro, que morre ou é morta, em meio às drogas e violência, desencantada e carente de um sentido maior que tire a vida de seu contexto de banalidade, indiferença, ironia e cinismo.

No convívio com jovens, através de uma longa jornada de trabalho, pude sentir de perto a solidão do jovem que vem perdendo a confiança no outro. Num mundo de '*vale tudo para ser o bom*', busca-se felicidade na satisfação imediata dos mais variados desejos, apresentando reduzida resistência à frustração. Em meio à cultura fragmentadora, há um verdadeiro *intercâmbio de rótulos entre o jovem e o outro*, onde diálogo nada mais é do que *monólogo a dois*... Vamos *ouvir* atentamente exemplos de comentários de alguns jovens em Rodas de Conversa, e outros feitos individualmente:

“O adulto adora fazer sermão, mas dar exemplo que é bom...”; “Quando o adulto chama para conversar, ele não quer ouvir, ele quer falar sozinho”; “Na escola que eu estudava, a professora falava assim: Eu ganho uma miséria para ensinar vocês. Então vamos fazer o seguinte: Faz de conta que eu ensino e vocês fazem de conta que aprendem, tá?”; “Eu não acredito em mais ninguém... No fundo é tudo igual... O negócio é a gente se virar...”; “Ser honesto pra quê? O que é que eu ganho com isso? Uma bala perdida?”; “Ele agora se deu bem... É funcionário público e tá com a vida feita”; “Vou ralar pra quê? Uma arma na mão e eu ganho rapidinho”; “Com arma na mão eles me ouve, eles me respeita”; “Se eu não levasse

¹⁹ MERTON, Thomas, *Questões abertas*, Editora Agir, Rio de Janeiro, 1963, pp.140-141

dinheiro pra casa, meu pai me batia... Ele caía pelos cantos de tanto beber”; “Minha mãe ficava na esquina espiando pra ver se eu conseguia dinheiro dos bacana... Ela me ensinou a fazer cara de coitadinho”; “Eu não tenho amigos, só tenho colegas... Não confio neles...”; “Eu desabafo com meus amigos da Internet... Eles me entendem...”; “Fico com muita raiva quando os colegas falam mal de mim pelas costas...”; “Na classe os meninos fazem piadinhas comigo e tenho que dar risada, mas fico muito triste...”; “Deixar a droga? Nem pensar... Ela me leva pra um outro mundo... É legal... Dá pena quando acaba e tenho que voltar pra cá...”; “Na igreja o padre só fala, fala, fala... É chato... Ouvir a gente? Nem pensar... Ele não entende a gente”; “Filho, nem pensar... Ela que se cuide... Se engravidar, ou tira ou dá pra mãe dela criar... Tô fora... Sou livre e quero continuar assim... Só se amarra quem é trouxa”.

Daria para encher várias páginas, apenas com depoimentos de inúmeros jovens classificados como *‘jovens de risco’*. Vivem num *‘agora imediato’*, num *‘salve-se quem puder’*, fora de uma dimensão histórica. Cansados de discursos vazios, estão sendo atingidos pela carência de valores solidários e fraternos, vivenciados, de maneira coerente, no cotidiano.

Diante desta situação-limite: Como estão vivendo os jovens das paróquias, das comunidades, da vizinhança? Por um lado, sabemos que muita coisa depende do poder público, mas somos interpelados por estas crianças e jovens, geração do presente, sem rumo e aquilo que temos feito, será que atende às reais necessidades deles? Será que conseguimos dialogar realmente com um jovem por nós previamente rotulado? Será que ele não nos rotula previamente também? Como derrubar esse *muro de rótulos mútuos*? Será que nossas atitudes frente ao jovem revelam super-proteção? Assistencialismo? Rejeição? Indiferença? Descrédito? Será que vemos um futuro, já categoricamente definido por nós, para este jovem? Levamos um projeto para a juventude, pronto e acabado? Há espaço para que o jovem possa participar da elaboração conjunta de algum projeto, isto é, possa se descobrir como um *‘ser colaborativo’*? Será que realmente ouvimos o jovem falar sobre suas necessidades, mostrando que não temos todas as respostas e que ele é importante para nos ajudar neste sentido?

Estes são apenas alguns exemplos vivenciados concretamente a partir do *chão da vida*, que revelam o caráter fragmentário e *‘rotulador’* das visões do ser humano, muito em voga, atualmente... Nem sempre, porém, refletimos sobre isto, embora este seja um grande desafio ao atendimento das necessidades do presente.

Manfredo de Oliveira aborda esta questão, dizendo:

Se elevarmos à reflexão o que hoje implicitamente se tem manifestado como concepção do ser humano, uma característica que salta aos olhos é o caráter fragmentário das visões de ser humano que marcam nossa cultura. Vê-se o ser humano ou partir unicamente de sua corporeidade ou de seu caráter orgânico ou de sua sociabilidade ou de sua espiritualidade etc. e com isto se perde a visão de uma realidade unitária, de uma totalidade concreta com dimensões que mutuamente se imbricam uma na outra. Sobretudo se perdeu aquele núcleo básico que o distingue dos demais seres e que marca todas as suas dimensões: sua abertura fundamental à totalidade da realidade, o que explica sua capacidade permanente de encontro com os outros seres humanos, com a natureza e com a dimensão última da realidade que as religiões denominam Deus. A falta de uma visão unitária do ser humano desemboca em reducionismos ou em contraposições que podem ser extremamente danosas para nossas vidas ²⁰.

Esta crise é mundial, mas o apelo é pessoal /comunitário. No fundo, instalou-se uma verdadeira '*crise de confiança*' derivada desta cultura individualista atual, que revela relações pontuais entre '*seres fragmentados*'... Por outro lado, é um erro trazermos de volta o caminho do coletivismo coercitivo.

Esta crise representa a oportunidade para uma conversão urgente, revelando o dinamismo do '*amor-doação*', raiz de nossa verdadeira identidade, com tudo que trazemos de potencialidades e limitações, qualidades e falhas, assumindo a parte importante, mas relativa e complementar que nos cabe agora, no processo de transformação cooperativa deste mundo, aberto à sustentabilidade futura.

Mundo das posturas idealizadas x mundo do cotidiano

Os últimos anos do século XX e o início do século XXI serviram de cenário para vários encontros entre líderes mundiais (ONU), para múltiplas Organizações da Sociedade Civil e/ou Religiosa, ONGs, entre outros, na tentativa de encaminhamento de soluções frente aos diversos desafios socioeconômicos, políticos ambientais e culturais advindos das rápidas transformações da realidade. Tais encontros deram origem a pilhas e mais pilhas de tratados, declarações, propostas conjuntas de soluções.

²⁰ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de – "*O Ser Humano em questão*" - 06/02/2008 – Fonte: <http://www.arquidiocesedefortalezarmi.com.br/artigos/detalhes1.asp?id=117> Disponível em 19/09/2008

O próprio *'Seminário da Prainha'* tem sido palco de inúmeros e variados debates nesse sentido.

Entretanto, parece existir um verdadeiro fosso entre dois mundos paralelos: o mundo das propostas idealizadas e documentadas repletas de forte conteúdo ético *'humanizador'* e o desafio de nosso mundo cotidiano - verdadeiro *'chão da vida'*-, que é extremamente plural, complexo além de *'robotizante'*, frente à rotina diária. É neste cotidiano, que o discurso das propostas idealizadas acaba muitas vezes anulado por nossas ações.

Os depoimentos de nossos jovens nos levam a pensar na incoerência que pode estar existindo entre nossa fala e nossas ações, especialmente no cotidiano... *É como se a 'fala' corresse para um lado e o 'fazer' corresse para o lado oposto.*

Como vimos, anteriormente, o desenvolvimento acelerado da Ciência e da Tecnologia criou, entre outras coisas, um padrão de velocidade e imediatismo que cresce e se alastra, impondo um ritmo cada vez mais alucinante à vida cotidiana, especialmente naqueles que moram nas grandes cidades.

Gostaria de trazer agora, esta reflexão para dentro desse nosso espaço de convivência, conhecido popularmente como *'Seminário da Prainha'*: Qual tem sido o sentido de nossas ações cotidianas, neste espaço de convivência?

Segundo Manfredo A. Oliveira:

[...] a ética caracteriza um ser, que não apenas vive, mas que pergunta pelo sentido de tudo e, portanto pelo sentido de sua vida, pela razão de suas ações. [...] o ponto de partida da ética é a vida mesma, a realidade humana... [...] ²¹.

Cada um de nós convive aqui em meio às exigências trazidas pela multiplicidade e rapidez de atividades requeridas pelo mundo altamente competitivo e quantificador. O tempo parece exíguo... O desafio está em integrar a qualidade do tempo, no mundo do tempo marcado pelo relógio.

²¹ Trecho da palestra proferida por Manfredo A. Oliveira na Fundação Marcos de Bruin no Lagamar, Fortaleza, CE, durante um encontro das diferentes entidades do bairro, em Janeiro de 2000

O *'corre-corre'* desenfreado atrás de múltiplos afazeres vem cegando e ensurdecendo cada um de nós. O *'encurtamento do tempo'* mecaniza nosso agir, fazendo com que nossas relações tornem-se cada vez mais fragmentadas, superficiais, esporádicas, pontuais, chegando quase à inexistência... No fundo, é como se toda esta correria pelos corredores, num entra-e-sai de salas, contribuisse para a perda do eixo de nosso ser, mesmo que momentaneamente.

Este *'excesso de velocidade'* faz com que nosso discurso *'cristão'* vá se distanciando, cada vez mais, do significado profundo do *'fazer'* em nossa vida cotidiana. *Às vezes dá impressão que na correria, saímos às pressas de casa deixando nosso 'ser cristão' para trás...* E o pior é que não nos damos conta deste processo em nós, embora até sejamos capazes de identificá-lo nos outros. O *'outro'*, por vezes até bem próximo a nós, tornou-se invisível a nossos olhos e inaudível frente aos *'ruídos'* de nossas preocupações pessoais e à rapidez de nossos passos. Dele só percebemos algum fragmento superficial que passamos a adotar como rótulo identificador e neste contexto, são frequentes os julgamentos precipitados, os *'mal-entendidos'*, bem como as *'fofocas'* que acabam pipocando nas salas de aula, nos corredores, entre um afazer e outro, sem nos preocuparmos com os efeitos danosos que tais ações podem provocar...

Quantas vezes adotamos posturas de *'donos da verdade'* frente ao outro, inviabilizando qualquer situação de diálogo?

Por outro lado, quantas vezes fomos capazes de perdoar quando o outro fez algo que nos *machucou*? Quantas vezes *'levamos para o túmulo'* a raiva ou ressentimento?

Importa tomarmos consciência do automatismo que vem nos dominando, anestesiando o sentido mais amplo do que seja viver, criando um abismo que separa nossa experiência de vida e o mundo das propostas idealizadas.

Os depoimentos dados pelos jovens não serviriam de reflexão para que *'reciclássemos'* nosso fazer, tornando-o mais coerente com aquilo que dizemos acreditar?

Quantas vezes mudamos nossa maneira de perceber a realidade, ouvindo atentamente as pessoas e a vida, observando-as com *'olhos de criança'*, sem quaisquer idéias preconcebidas, tornando-nos menos arrogantes, pelas duras lições aprendidas? Ou, ao contrário, quantas vezes rejeitamos as experiências e enxergamos fracassos ao invés de novas e necessárias oportunidades à nossa transformação?

Diante do desafio trazido pelo cotidiano, como construir, aqui neste espaço, uma ponte entre estes *'dois mundos paralelos'*, uma fonte de aprendizado compartilhado, capaz de trazer mais coerência à nossa caminhada pelo mundo?

Descobri que o cotidiano é o 'calcanhar de Aquiles' das grandes propostas. Este é um desafio que atinge cada um de nós...

Em meio à correria cotidiana, estamos nos arriscando a viver um *'presente imediato'*. De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos?... Automatizados pela correria, acabamos perdendo o sentido histórico de nossa trajetória de vida, anulando nossa memória. Ao perdermos nossa história, corremos o risco de perdermos nossa verdadeira identidade.

Cada um de nós é uma história dinâmica, entrelaçada a inúmeras histórias, tanto de gerações passadas, quanto da geração atual. Somos também sementes de história das próximas gerações, portanto responsáveis pela *'sustentabilidade'* dos que ainda vão nascer... Toda e qualquer história é importante, sendo imprescindível sua participação construtiva dessa história bem mais ampla, complexa e diversificada que é a história da Humanidade como um todo, delineada pelo horizonte absoluto da Realidade suprema.

O reconhecimento de nossa vulnerabilidade como seres contraditórios, dada a nossa contingência, promove a verdadeira abertura à graça de nosso Pai comum, religando-nos à fonte do Amor/Misericórdia, que está na essência de nosso ser.

Cada uma de nossas pequenas histórias, entrelaçadas e integradas às outras, vai nos revelando a presença do Deus vivo, de cujo amor incondicional brota uma generatividade compartilhada, capaz de encontrar novos caminhos em busca de um sentido de vida, que não se esgote num sentido pessoal ou corporativo.

Cada pessoa que encontramos na portaria, nos pátios, corredores, escadas, salas de aula são especiais, pois revelam a presença de Deus em meio à diversidade... Cada encontro, no fundo, é um momento de graça...

Nosso *'fazer'*, por mais simples que possa parecer, torna-se então *'significativo'*, deixando de ser algo automatizado. Nossa percepção torna-se mais aguçada, mais atenta, *religada* a todo o sentido maior de vida. Vamos nos tornando mais *presentes*... Os espaços de convivência passam a ter um significado histórico singular, traduzindo toda a alegria e

felicidade advinda de uma vivência compartilhada, merecendo toda nossa atenção e cuidado.

O “Seminário da Prainha” é nosso espaço de convivência. Será que todos que aqui convivem conhecem a “História do Seminário” que completou, no dia 10 de Outubro, 144²² anos de existência? Confesso que desconheço boa parte de sua trajetória histórica.

De onde ele veio? Onde e como está? Para onde vai? O que representou o ‘Seminário da Prainha’, o que representa e o que poderá representar? Quem passou por aqui? Qual é a singularidade que ele apresenta? Qual é o vínculo que temos com este nosso espaço de convivência comum? Cooperamos para a preservação do Seminário, incluindo o cuidado com o meio-ambiente? Haveria alguma forma concreta de entrelaçarmos nossas histórias à história do Seminário como um todo, cuidando melhor do lugar²³ de nosso convívio cotidiano, ao invés de apenas usufruirmos deste espaço, como meros transeuntes indiferentes?

Mas, indo além....

Qual é o vínculo que o Seminário teve com Fortaleza? Qual é o vínculo atual? O que poderíamos fazer concretamente para resgatar e divulgar sua história numa cidade que, a cada dia, vai demolindo seu passado, perdendo memória? Haveria a possibilidade de se resgatar documentos, objetos significativos, obter entrevistas gravadas, etc., conhecendo de maneira mais aprofundada a história real e singular desse nosso espaço de convivência e colocar estes dados à disposição da cidade, através de visitação pública?

Não poderia o Seminário tornar-se um verdadeiro ‘*celeiro local*’ de projetos cooperativos e solidários, voltados para a superação desta crise mundial, passando a ser *ponte* entre o mundo do cotidiano e o mundo das

²² 10 de outubro de 1864.

²³ Algo, por exemplo, que me chama a atenção, é aquele espaço, ao lado da cobertura de carros. Tenho a sensação de estar pisando num solo desertificado que, tal qual o campo das relações humanas, clama por revitalização... Poderia ele ser arborizado, respeitando futuros projetos de construção? Já existem algumas mudas plantadas por nós, desde o ano passado, mas cuja quantidade ainda é insuficiente.

Qual poderia ser o significado simbólico mais profundo da arborização deste espaço em questão? Poderia integrar todos e todas que aqui convivem em torno de um projeto comum, simbolizando o espírito de Fraternidade, sementes de uma Cultura de Vida? Não seria também capaz de simbolizar a possibilidade de transcendência da desertificação das relações humanas?

propostas idealizadas, escrevendo uma nova e atualizada página desta longa história²⁴?

Em meio a esta crise mundial, à luz da Boa Nova que nos foi doada há mais de dois mil anos: não seria o Seminário um espaço de convivência capaz de fortalecer e dinamizar toda uma nova maneira de caminhar no *'chão da vida'* da cidade, em meio a nossas comunidades, congregações, famílias, paróquias, vizinhança etc.?

A construção desta *ponte*, porém, depende de cada um de nós.

Conclusão

O tema “Desenvolvimento Sustentável” é extremamente complexo e não temos a menor pretensão de esgotarmos o assunto. Partindo de situações concretas de vida, procuramos refletir sobre alguns valores e contravalores contemporâneos, bem como sobre nosso papel como sementes de Fraternidade, base da Cultura de Vida para as próximas gerações.

Tanto a mudança climática quanto a crise econômica atual revelam claramente a ausência de limites à onipotência do ser humano que *'matou Deus'* e se colocou em seu lugar. O resultado aí está... Uma crise de valores sem precedentes na história da humanidade... Um mundo inteiro submetido a extremos climáticos, inseguro, onde a identidade humana corre o risco de se ver descaracterizada, onde a indiferença corre solta, onde nada é gratuito, onde dominação e controle pervertem qualquer ideologia, onde o julgamento sobre o outro coloca rótulos sufocantes, onde o monólogo a dois é chamado de diálogo, onde grandes discursos sobre valores acabam se esvaindo antes de chegarem ao cotidiano.

Esta crise, porém, revela que todos nós convivemos na mesma casa, partilhamos o mesmo espaço comum, o que torna atualíssima a proposta de Fraternidade, vivida concretamente por Jesus em cada momento de seu cotidiano entre nós. “Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida”, apontando-nos o verdadeiro horizonte de sentido capaz de nortear nossa caminhada conjunta.

²⁴ Não seria o momento histórico de o Seminário abrir espaço, através de Cursos de Extensão, para temas sobre Desenvolvimento Sustentável, por exemplo, atraindo jovens e adultos de diferentes comunidades, à participação efetiva como cidadãos capazes de contribuir com a melhoria da qualidade de vida comunitária como um todo integrado?

Diante da crise, o aparente silêncio de Deus, ao invés de servir como prova de sua inexistência ou descaso, serve de incentivo ao nosso amadurecimento como cristãos. Se Deus manifestasse paternalismo e superproteção, resolvendo por nós todos os desafios que temos como humanidade, que sentido teria para nós, a fraternidade vivenciada concretamente por Jesus? Onde ficaria nosso livrearbítrio?

Despertar, através de uma convivência fraterna, o potencial de doação que cada um tem, fortalecendo a confiança recíproca que se perdeu durante a trajetória de vida, é um convite aberto à participação efetiva de cada um de nós, começando por nossas ações no cotidiano.

A vida, que nos foi dada de graça, num determinado momento da história, chama a cada um de nós à participação, como sementes de Fraternidade, base da Cultura de Vida para as próximas gerações. Que cada um de nós possa confiar em que o sentido do caminho para a concretização do verdadeiro Desenvolvimento Sustentável vai se revelando durante toda nossa trajetória conjunta, à luz da graça divina.

Gostaria de concluir minha reflexão com um trecho da Epístola de São Paulo:

Mesmo que eu fale em línguas, a dos homens e a dos anjos, se me falta o amor, sou um metal que ressoa, um címbalo retumbante. Mesmo que tenha o dom da profecia, o saber de todos os mistérios e de todo o conhecimento, mesmo que tenha a fé mais total, a que transporta montanhas, se me falta o amor, nada sou. Mesmo que distribua todos os meus bens aos famintos, mesmo que entregue o meu corpo às chamas, se me falta o amor, nada lucro com isso. O amor tem paciência, o amor é servicial, não é ciumento, não se pavoneia, não se incha de orgulho, nada faz de inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor, não se regozija com a injustiça, mas encontra sua alegria na verdade. Ele tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca desaparece. As profecias? Serão abolidas. As línguas? Acabar-se-ão. O conhecimento? Será abolido. Pois o nosso conhecimento é limitado e limitada a nossa profecia. Mas quando vier a perfeição, o que é limitado será abolido. Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Quando me tornei homem, pus cobro ao que era próprio da criança. Agora vemos em espelho e de modo confuso, mas então será face a face. Agora, o meu conhecimento é limitado; então, conhecerei como sou conhecido. Agora, portanto, permanecem estas três coisas, a fé, a esperança e o amor, mas o amor é o maior. (1Cor. 13,1-13).

**Profa. Esp. Latife Mátar Oinegue Fúlfaro*

Especialista em Ciências da Religião;

Professora e Coordenadora do Curso Propedêutico do ITEP